

MODERN!SMO

Arquivo Virtual da *Geração de Orpheu*

modernismo.pt

Estantes portuguesas: Portugal novecentista no acervo pessoal de Mário de Andrade

Mirhiane Mendes de Abreu

Estantes portuguesas: Portugal novecentista no acervo pessoal de Mário de Andrade

Enunciando a questão:

“Agora mesmo tenho sobre a secretária, ajuntados e lidos para a crítica de hoje, alguns livros e revistas portuguesas [...]” (Mário de Andrade, “Uma suave rudeza”)

Funcionando como uma espécie de mote a ser glosado, a epígrafe acima pode suscitar algumas perguntas para o leitor de hoje e provocar uma reflexão a respeito da presença portuguesa no conjunto do pensamento de Mário de Andrade. Tome-se como exemplo a revista *Seara Nova*. No acervo pessoal do escritor estão conservados alguns números desse periódico lusitano, em que marcas de leitura e anotações materializam uma espécie de diálogo com os intelectuais portugueses que ali colaboraram. *Presença*, *Atlântico* e *Claridade* são outras revistas localizadas ao lado de livros de Fernando Pessoa, António Ferro e Almada Negreiros, exemplares que foram adquiridos, lidos e, vários deles, grifados e anotados pelo proprietário¹. Situada numa dimensão mais ampla do que a recepção, a existência do universo cultural português no acervo do escritor e os sinais de leitura deixados por ele nesses volumes insinuam que Portugal – amalgamado a outras culturas – esteve associado ao percurso das indagações intelectuais do autor de *Macunaíma*. Catalogar e tentar examinar esse percurso pelo exame do acervo pessoal do escritor é o objetivo deste artigo.

Mário de Andrade leu os portugueses. De *Os Lusíadas*, de Camões, passando pelos livros de Camilo Castelo Branco, Almeida Garrett, António Nobre, Antero de Quental, Eça de Queiroz, o folclorista Teófilo Braga, dentre outros, localizam-se nomes e títulos portugueses na biblioteca deste modernista brasileiro. Contudo, importa observar, aqui, os vestígios da contemporaneidade portuguesa conservados nessa mesma biblioteca porque funcionam como núcleo para se compreender o lugar de Portugal na concepção de arte e cultura do escritor.

Antes de mais nada, é preciso ressaltar que, no decorrer da obra polígrafa de Mário de Andrade, a questão nacional se configurou amplamente como diretriz de suas inquietações estéticas, linguísticas e culturais, tornando-o um dos principais intelectuais do seu tempo que se ocuparam do tema. Portugal, por ser antiga metrópole, encontra-se nesse contexto de forma complexa: da recusa à aproximação, o efeito produzido pelo país e pela cultura portuguesa sobre o pensamento do escritor encerra dois direcionamentos, um

¹ O levantamento foi realizado no acervo pessoal de Mário de Andrade, localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP).

voltado para dentro; outro, para fora. O primeiro – local – provoca um ato reflexivo sobre a singularidade da nossa literatura, notadamente quanto ao efeito estético que a modalidade brasileira da língua portuguesa imprime à produção literária e da temática nacional. E o segundo – universal – estabelece as tensões para se questionar acerca das próprias condições da cultura brasileira em face das polêmicas provocadas pelas vanguardas que grassavam pela Europa, o que inclui conhecer os novos procedimentos adotados pelos portugueses desde a publicação da revista *Orpheu*, bem como os desdobramentos dela derivados. Esse padrão reflexivo em Mário de Andrade corresponde à tensão entre local e universal que Antonio Candido aponta como próprio da nossa literatura naqueles anos (CANDIDO, 1985) e traduz, implicitamente, as preocupações do autor com os rumos da literatura brasileira sua contemporânea. O que revela, em essência, é o entusiasmo da busca, a obsessão em acertar e em ser “atual”, perseguida por intermédio da pesquisa que levaria o brasileiro a encontrar-se consigo mesmo.

Do ângulo da singularidade da nossa literatura e do nacionalismo àquela altura em apreço, Mário de Andrade discute e esclarece seus princípios em sua vasta obra, inclusive na correspondência trocada com seus colegas de geração. Em carta de 23 de agosto de 1925 endereçada a Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade explica o nacionalismo da sua perspectiva:

Quanto à nacionalidade, Carlos, fique sossegado. Sou o minimamente nacionalista que é possível a gente ser neste mundo. Me contento de ser brasileiro que é coisa muito mais importante pra mim que ser nacionalista. (FROTA, 2003, p. 135)

O fragmento acima faz emergir uma situação recorrente no conjunto do pensamento do autor, isto é, a finalidade de esclarecer seus posicionamentos em face de polêmicas, a exemplo da distinção entre “ser nacionalista” e “ser brasileiro”. Na sequência da carta, a explicação é desenvolvida por etapas: a ideia de felicidade, de humanidade, de ser compreendido e, por fim, a questão da língua tal como exposta em *A Escrava que não é Isaura*, obra em que Mário de Andrade teoriza as diretrizes da poesia modernista pela forma “necessidade de expressão + necessidade de ação + necessidade de comunicação + necessidade de prazer = Belas Artes” (ANDRADE, 1925, p. 6). Nessa ordem de ideias, em que a noção de literatura é desenhada no contexto mais amplo da vida, Mário de Andrade aborda as qualificações para um homem ser literato (aquele que abandona “atitudes literárias” e se apegua a “atitudes vitais” (FROTA, 2003, p. 135) e aconselha o interlocutor a produzir bem “misturado o modernismo bonito de vocês” (FROTA, 2003, p. 142). É nesse panorama da “mistura” que se faz o diálogo com as vanguardas europeias; mistura essa que incide diretamente sobre o anseio em fazer da cultura brasileira uma expressão atualizada. À vista desses traços (a mistura e a atualização), a produção novecentista portuguesa está para o pensamento de Mário de Andrade como um dos ingredientes de que ele se serviu para pesquisar e atualizar-se, circunscrevendo a própria produção intelectual na sua contemporaneidade.

Já vem sendo discutido o relacionamento entre os intelectuais brasileiros e portugueses na primeira metade do século XX, notadamente no tocante aos interesses mútuos para que se divulgassem as produções artísticas. Arnaldo Saraiva, em *Modernismo brasileiro e modernismo português*, realizou

o levantamento e a divulgação de documentos até há pouco inéditos, que colaboram para elucidar as relações culturais e literárias entre Brasil e Portugal naqueles anos (SARAIVA, 2004). Estudos monográficos, artigos e teses acadêmicas têm contribuído para o mesmo encaminhamento, especialmente da perspectiva dos estudiosos da literatura portuguesa. Annie Fernandes ocupa-se do convívio intelectual como perspectiva para se afirmar a modernidade (FERNANDES, 2013, p. 116-130). Raquel Madanêlo de Souza, tendo por objeto três periódicos portugueses – *A Águia*, *Seara Nova* e *Terra de Sol* –, tenta compreender o conceito de nação e de engajamento conforme abraçado pelos intelectuais daquelas revistas (SOUZA, 2006). Em relação a Mário de Andrade, especificamente, Ricardo Carvalho expõe traços da correspondência entre o modernista brasileiro e o intelectual português José Osório de Oliveira, com quem trocou muitas informações sobre as respectivas culturas (CARVALHO, 2007, p. 207-213). A bibliografia referente aos laços intelectuais luso-brasileiros naqueles anos é mais ampla. O que tem se consolidado como perspectiva crítica acerca dessas aproximações se concentra no levantamento de informações sobre a rede de sociabilidade intelectual alimentada pelos escritores em cartas e periódicos da ocasião. A reunião desses dados, analisados por abalizados estudiosos como os aqui mencionados, faz referência a um campo cultural comum, apto a construir mecanismos de trocas de conhecimentos, notícias e divulgações das produções de cada um dos países.

Essas indicações são valiosas, mas as possíveis relações entre Portugal e Mário de Andrade – pensador da cultura brasileira – repousam também sobre certos preceitos valorizados pelo modernismo (tais como a novidade, a individualidade poética e a ruptura). São valores convocados por ele quando trata da complexidade da participação portuguesa no compósito da cultura brasileira. Desse modo, cabe, ainda, buscar conhecer o que Mário de Andrade julgou relevante obter e anotar porque esses elementos nos servem como notas prévias a processos criativos e críticos ou mesmo como uma “espécie de *insight*” das criações e reflexões (LOPEZ, 2007). Assim, a minha hipótese reside em considerar que Mário de Andrade reconheceu que, na sedimentação das novas convenções expressionais brasileiras, era preciso ler os autores que abriram os novos caminhos do modernismo pelo mundo, incluindo nesse grande caldo a produção portuguesa dos novecentos. Examinar as marcas de leitura deixadas por ele nos seus livros portugueses pode lançar luzes sobre as hesitações críticas vivenciadas por esse modernista na primeira metade do século XX e partilhadas com os colegas de sua geração. Trata-se, assim, de percorrer suas estantes atrás de livros, obras panorâmicas (histórias literárias, antologias e congêneres) e de revistas literárias da ocasião, verificando nos rastros de leitura as instâncias do ato crítico e criador.

Essa hipótese pode ser elucidada a partir do exame de fontes primárias, notadamente os documentos preservados no arquivo pessoal de Mário de Andrade, sobretudo sua biblioteca particular. Da perspectiva de Telê Ancona Lopez, exposta em “Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem da sua biblioteca e da sua marginália”, o exame dos livros que um escritor coleciona pode avaliar um lastro e sinalizar interesses. E acrescenta:

quem percorre a biblioteca de um escritor encontra, concreta e virtualmente, nos autores ali enfileirados, textos desse mesmo escritor. [...] No âmbito da crítica genética,

considerar os livros e periódicos reunidos por esse escritor como espaço da escritura, *locus creationis* ou seara e celeiro da criação, implica [...] rastrear fios em uma rede sem remate, cuja trama ora se desvela e ora se faz indelével” (LOPEZ, 2011).

O ponto de vista fundamental defendido pela autora recai sobre os diálogos passíveis de serem ouvidos na prateleira do escritor, materializados pelas anotações deixadas na marginalia dos seus exemplares, as quais indiciam diálogos e matrizes explícitos e implícitos. Por *diálogos explícitos*, a autora considera aqueles que se materializam nas anotações marginais, ampliando-se, do ângulo da intertextualidade, na gênese da criação poética, ficcional e ensaística. *Diálogos implícitos*, por sua vez, são concebidos pelos títulos e obras pertencentes ao acervo do escritor, bem como depoimentos, cartas, crônicas e demais documentos que enriquecem os arquivos da criação (LOPEZ, 2011).

Mesmo sendo verdade que tenha havido, desde o romantismo, rechaço a Portugal como antiga Metrópole, é verdade também que os intelectuais brasileiros não se alheavam aos novos estilos e às novas propostas em curso do outro lado do Atlântico. Por isso, através da pesquisa em acervos e fontes primárias, é possível matizar o grau de distanciamento e aproximação existente entre os dois países naquela ocasião. No campo desse debate, porém, há ressalvas necessárias: a negatividade de que Portugal se revestia para os escritores brasileiros poderia transformar-se em sentido positivo, não apenas pelo fato de o país representar uma possível porta de entrada para divulgação dos seus escritos na Europa, mas porque, considerando o caráter provocador que o grupo modernista buscava para si, o encontro com a inteligência e a cultura portuguesas funciona como sementeira e problematizações de temas, motivos, soluções de estilo e reflexões a respeito do próprio caráter da literatura brasileira novecentista.

“Uma suave rudeza” como dimensão do debate.

Interpretado como um discurso crítico-memorialístico, o texto “O Movimento Modernista”, de Mário de Andrade, abrange a vivência dos “anos heroicos” duas décadas depois da Semana de 22, estabelecendo os termos e os protocolos de leitura a partir dos quais o período viria a ser compreendido (ANDRADE, 2002a, p. 253-280). Ao refutar a famosa frase de Graça Aranha (“não somos a câmara mortuária de Portugal”), Mário de Andrade afirma: “o que ficou dito foi que não nos incomodava nada ‘coincidir’ com Portugal, pois o importante era a desistência do confronto e das liberdades falsas” (ANDRADE, 2002, p. 244). Pelo olhar retrospectivo do memorialista, a atenção a Portugal teria sido um dos elementos centrais para o entendimento sobre a “pesquisa estética” e a “atualização universal da criação artística”, tal como se haviam processado no modernismo brasileiro. Segundo essa linha de raciocínio, Portugal não se reduz à condição de obstáculo cultural, nem se constitui apenas no âmbito da sociabilidade, mas uma das partes substanciais das numerosas assimilações que resultaram na cultura brasileira, cuja inovação, para ser eficaz, não prescindia da camada lusitana.

Tal como exposto, esse problema já estava consignado no artigo “Feitos em França”. Escrito em 26 de março de 1939 e reunido posteriormente em *O empalhador de passarinho*, o articulista aponta as deficiências das traduções

francesas de obras de língua portuguesa (ANDRADE, 2002b, p. 35-42). A questão do patrimônio linguístico comum, nesses termos, é encarada como força sugestiva, capaz de aproximar Machado de Assis e Antero de Quental “no segredo da inteligência” e na “balança universal” de um idioma sem prestígio (ANDRADE, 2002b, p 36) . Como postulado teórico do autor, o tema do idioma proposto nesse artigo tange ao que chamou de “língua literária”, cuja peculiaridade se deveria, no seu entendimento, ao “nosso incorrigível individualismo luso-brasileiro” (ANDRADE, 2002b, p. 39). Isto equivalia a dizer que a riqueza e diversidade da nossa linguagem formariam escritores idiossincráticos do ponto de vista estilístico, o que não se via manifesto na França, lugar onde todos “escrevem bem” (ANDRADE, 2002b, p. 39).

Se essa espontaneidade (“escritores estilistas”, diz o texto) é apresentada como bem comum entre brasileiros e portugueses, no artigo “Uma suave rudeza”, escrito em 4 de junho de 1939, Mário de Andrade caminha em outra direção (ANDRADE, 2002c, p. 69-74). Nele, é posta em xeque a pertinência das interpretações e juízos de obras por pessoas de outra nacionalidade, a despeito da partilha do mesmo patrimônio linguístico. O crítico, inicialmente, assume suas limitações para entender os “ideais múltiplos” da poesia de Fernando Pessoa, ao mesmo tempo em que afirma a insuficiência dos portugueses para compreenderem o problema da língua no Brasil. Casais Monteiro é exceção nesse aspecto, mas não no tocante à incompreensão sobre a participação brasileira no intercâmbio luso-brasileiro. Mário de Andrade diverge de Casais Monteiro apresentando dois argumentos: o primeiro, ao mencionar efetivas colaborações portuguesas nos periódicos brasileiros, conforme se poderia verificar na *Revista do Brasil*; o segundo, comentando o fato de que ele próprio e vários de seus coetâneos participavam de empreendimentos similares, a exemplo das colaborações na revista *Presença*².

Aqui cabe um parêntese para uma compreensão mais pontual do processo de construção do pensamento do escritor segundo as anotações semeadas em seus exemplares. Como leitor, o ângulo que Mário de Andrade assume é o do diálogo polêmico. Em seu acervo pessoal, um dos volumes da revista *Presença* (Ano XI, 53-54, volume 3, nov. 1938) traz um artigo de Adolfo Casais Monteiro intitulado “Comentário – Estado presente do intercâmbio intelectual luso-brasileiro”. O que Mário destaca do texto tem objetivo claro: avaliar a pertinência das proposições do articulista quanto à participação dos brasileiros no intercâmbio analisado e verificar em que medida essa trânsito converge para alimentar a consciência crítica de uma identidade nacional que se queria atualizada em seu processo criativo.

Esse diálogo é retomado por Mário de Andrade nas marcas de leitura deixadas à margem do seu exemplar de *Seara Nova*, especificamente a edição publicada em 29 de abril de 1939. Nela, José Régio publica o ensaio “Cartas Intemporais do nosso tempo. A um moço camarada, sobre qualquer influência do romance brasileiro na literatura portuguesa”. A dimensão desses dois ensaios de Casais Monteiro e José Régio na construção do pensamento crítico de Mário

² Publicado postumamente por Telê Ancona Lopez a partir de notas que originaram o diário de viagem *O Turista Aprendiz*, o conto “Balança, Trombeta e Battleship” obteve a primeira aparição pública em fragmento na revista portuguesa *Presença*. Revista de Arte e Crítica. 1940. No mesmo periódico, Manuel Bandeira publica o poema “Soneto inglês”.

de Andrade pode ser percebida nos temas e problemas que ele levantou ao sublinhar e comentar os artigos, retomando-os diretamente, ao mencioná-los e reproduzir o que anota, ou indiretamente, ao comentar as ideias que ali repousam. A perspectiva da comparação dos críticos portugueses fundamentada nos paradigmas de fonte e influência parece ser o maior incômodo do nosso modernista.

O intelectual português José Régio diverge sobre a possibilidade de haver uma imposição da literatura brasileira sobre a portuguesa, mas ressalta: “isto não por parte dos brasileiros mas sim de alguns portugueses”. À lápis de cor vermelha, Mário de Andrade grifa o trecho e comenta à margem: “felizmente! Nunca jamais pensamos nisto por aqui!”. Mais adiante no mesmo ensaio, ao indagar se as falhas da literatura portuguesa poderiam ser preenchidas pela brasileira, o leitor Mário de Andrade também interrompe a leitura para comentar: “Isto é malvadez!”

Pode ser percebida nesses comentários a orientação que Mário de Andrade irá perseguir em suas reflexões sobre a literatura portuguesa. Da sua perspectiva, parece ser empobrecedor o comparativismo guiado pelos pressupostos de fonte/influência. Esta orientação será retomada no artigo a que chamou de “crônica portuguesa”, dizendo:

É por esta opinião que não posso compreender por que José Régio perdeu tanto tempo, pelo último número de abrir dessa outra valiosa revista que é “Seara Nova”, em discutir e condenar uma “possível influência do romance brasileiro na língua portuguesa”. É certo que o notável escritor reconhece não ter partido de brasileiro essa pretensão ridícula, mas que José Régio chegue à infelicidade de perguntar si “a moderna literatura brasileira será mais rica do que todas”, me parece pelo menos malvadez. (ANDRADE, 2002c, p. 73)

Em síntese, “Uma suave rudeza” retoma as reflexões lançadas à margem dos volumes que Mário de Andrade tinha à mão. Sua “crônica portuguesa” desenvolve-se em quatro etapas. Na primeira, o lugar de nascimento como condição para se compreender mais apropriadamente uma determinada obra. Na segunda, a observação sobre o intercâmbio luso-brasileiro promovido por periódicos e casas editoriais da época e a divergência, a partir de fatos concretos, da queixa de Casais Monteiro acerca de um suposto desinteresse brasileiro nesse intercâmbio. A terceira etapa divide-se em dois segmentos: um inicial, em que, a partir da ideia de “país novo”, exprime o significado de Portugal como passado, o que o levaria a ser reputado como perigoso para um país como Brasil, ansioso por novidades. O segundo segmento, capital para o entendimento do diálogo entre as intelectualidades dos dois países no pensamento crítico de Mário de Andrade, reside no mal-estar diante das considerações de José Régio, conforme desenvolvidas na revista *Seara Nova* e anotadas pelo autor. Finalmente, a última parte – ainda não aludida aqui, mas que retoma a impropriedade do comparativismo tal como processado – refere-se ao interesse pelo estilo ensaístico do português José Osório de Oliveira e o encantamento pela poesia portuguesa contemporânea: “E na poesia, então, Portugal conserva galhardamente aquela força, incomparável na latinidade, com que já produziu alguns dos maiores líricos do mundo” (ANDRADE, 2002c, p. 74).

Esse texto traz uma síntese das ideias contidas no acervo português de Mário de Andrade e que remetem ao sentido nodal de sua crítica, na qual

Portugal era percebido como parte do processo cultural brasileiro e por tal ângulo de análise deveria ser estudado. Dessa perspectiva, não se trataria de proceder a um acúmulo de comparações. Ao contrário, a conclusão a que chega o texto é justamente indagar: “*Mas por que tantas comparações?...*” (ANDRADE, 2002c, p. 75).

Portugal, em Mário de Andrade, compõe-se por ambiguidades porque se une ao passado colonial e à riqueza da tradição ibérica amalgamada à cultura brasileira. É também tema catalisador de alguns dos seus principais questionamentos, seja na operação criativa, seja no processo de construção crítica. Dizendo de modo sumário, Mário de Andrade encontrou nas suas leituras portuguesas temas, motivos e recursos expressivos que, fundidos a elementos tomados de outras latitudes, contribuíram para que ele pudesse construir sua ideia de Brasil. À orientação positivista da ordem das influências contrapôs o entusiasmo da pesquisa: “*Estou perdido em pesquisas e pesquisas de expressão*”, chega a dizer em carta a Bandeira (MORAES, 2001). É nesse sentido que se constrói sua vivência com a cultura portuguesa. Assim encaminhada a questão, a aproximação entre escritores dos dois países na primeira metade do século XX pode ampliar-se quando compreendida de modo dinâmico e multifacetado. Ou, nas palavras do próprio Mário:

A gente deve ser brasileiro não para se diferenciar de Portugal, porém porque somos brasileiros. Brasileiros sem mais nada. Brasileiros. Sentir, pensar, agir, se exprimir naturalmente. Como brasileiro. Criar esses antagonismos e lá vai a integração no Cosmos por água abaixo. Inda mais: não-somos-a-câmara-mortuária-de-Portugal cria logo a ideia de se diferenciar forçosamente de Portugal, o que é um erro. Nós descendemos em muito de nós de Portugal. Temos é natural por hereditariedade muitos costumes, expressões, jeitos, ações evolucionadas do portuga. Até intactos quase, alguns...” (ANDRADE, apud SANTILI, 2003)

A meu ver, o exame atento do acervo pessoal de Mário de Andrade pode ser um caminho aberto para o entendimento da pluralidade do sentido que Portugal marcou no pensamento desse intelectual do modernismo brasileiro. Em *1930: a crítica e o modernismo*, Lafetá aponta o vocábulo “consciência” como a “palavra-chave” que define Mário de Andrade (LAFETÁ, 1974, p. 119). Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar que, em razão dessa consciência, o escritor divulgou a nova estética e, ao mesmo tempo, forneceu seus alicerces crítico-teóricos, cuja base é a apropriação renovadora de temas e motivos, tornados elementos de recriação. No seio do projeto inovador que abraçara, a cultura portuguesa, ao invés de ser afastada, estaria bem conjugada no tecido antropofágico do universo brasileiro.

Portugal nas estantes de Mário de Andrade: aproximação

“As primaveras de sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...”
(Mário de Andrade, “O Trovador”)

A imagem do arlequim na poesia de Mário de Andrade já foi largamente estudada (MELLO, 2003; NUNES, 1984, p. 63-75), mas ainda pode suscitar

discussões. Em sua teoria poética, formulada pelos principais instrumentos da ocasião, essa figura traduz-se no poder “associativo, simbólico, universal, musical”, que preside a ideia do “tupi” – primitivo – “tangendo o alaúde” – símbolo da cultura musical europeia. Acontece que o arlequim também é um personagem valorizado pelas vanguardas e esteve no horizonte imagético de artistas que compuseram o rol de leituras do escritor. Suas prateleiras exibem obras do universo do *pierrot* e do carnaval, a exemplo de *Pierrot Lunaire: melodramen*, de Schönberg, ou *Arlecchino*, de Ardengo Soffici. Na rede intertextual, a força poética do arlequim em Mário de Andrade também navegou por substâncias portuguesas, se considerarmos o exemplar do livro *Pierrot e Arlequim*, de Almada Negreiros, presente em seu acervo.

De passagem, digamos que Almada Negreiros foi observado por Mário de Andrade, que indagava por ele em cartas a seus colegas portugueses, especialmente a José Osório de Oliveira. Mas essa busca ampliava-se a outros referenciais: “[...] não me descuido um instante de aumentar minha bibliografia portuguesa”, disse em carta ao amigo em 12 de março de 1934 (SARAIVA, 2004, p. 385). Seus interlocutores também colaboravam, enviando-lhe livros e revistas. De António Ferro possuiu *Teoria da Indiferença, Amadora dos fenómenos, A idade do jazz-band, Viagem à volta das ditaduras* (todos com dedicatória), *Leviana* e *Árvore de Natal* (sem dedicatória). De Fernando Pessoa, os livros *Poesias de Fernando Pessoa* e *Poesias de Álvaro de Campos*. Ao lado da literatura, os assuntos versaram sobre música, dança, religiões, pintura, arquitetura, geografia, história, filologia e cultura popular, além de catálogos de livrarias portuguesas, gramáticas e dicionários. Assim, localizam-se títulos como *História do fado, Mobiliário artístico português, Os povos primitivos da Lusitânia, Exame da vida portuguesa, Subsídios para a história da música em Portugal*. São temas que mostram que Mário de Andrade meditava não apenas sobre a literatura, mas sobre a cultura portuguesa, situando-a entre seus componentes de pesquisa.

Associando o acervo pessoal à correspondência do escritor, cumpre informar que na **série correspondência passiva** localizam-se 84 cartas, subscritas por nove missivistas portugueses, a saber: José Osório de Oliveira (39 cartas), Gastão de Bettencourt (24 cartas), Antonio Ferro (6 cartas), Adolfo Casais Monteiro (4 cartas), Luiz Moita (4 cartas), Antonio Serpa (3 cartas), Carlos Queiroz (2), Jaime Cortesão (1) e Francisco Luís Amaro (1).

Os temas abordados na correspondência são:

- cumprimentos em cartões-postais e votos de boas festas natalinas;
- agradecimento por envio de livros e artigos;
- pedido e/ou notificação de envio e/ou recebimento de conferências, livros, periódicos e artigos;
- notificação de envio e/ou recebimento de listas de música;
- solicitação de listas de canções brasileiras;
- solicitação de ilustrações/fotografias representativas da cultura brasileira;
- convite para ir a Portugal;

- informações sobre projetos de livros e estudos da cultura luso-brasileira;
- comentários sobre *Belazarte*, *Malazarte*, *Macunaíma* e *Remate de Males*;
- considerações sobre a poesia de Cecília Meireles e Almada Negreiros;
- considerações sobre a música portuguesa;
- considerações sobre a situação política de Portugal;
- pedido de palestra sobre Fernando Pessoa;
- pedido de opinião sobre a revista *Atlântico*;
- pedido de colaboração para as revistas *Presença* e *Contemporânea*.

Quer do ponto de vista material, quer pelo seu significado na constituição do discurso poético-crítico do autor, a presença portuguesa no acervo pessoal de Mário de Andrade tem valor inestimável porque concretiza a realidade de um diálogo. Encontra-se abaixo registrada uma lista concernente à literatura e que conforma um pequeno dossiê circunscrito aos anos de 1900 a 1945. A baliza cronológica tem por intuito indiciar o interesse do autor de *Macunaíma* pela produção cultural sua contemporânea e identificar quais os traços da cultura portuguesa retiveram a atenção desse modernista e pesquisador contumaz.

A leitura que propus consiste essencialmente em reconhecer alguns significados de Portugal no pensamento de Mário de Andrade conforme enfeixados pelo seu acervo pessoal. Sob a camada da consciência crítica, o escritor sinaliza articulações com a cultura portuguesa, em torno da qual giraram muitos questionamentos e, ao mesmo tempo, abriram-se muitos caminhos.

Expõe-se abaixo um pequeno catálogo circunscrito aos periódicos e obras literárias ou histórico-literárias publicados entre 1900 e 1945:

A) Livros:

1. ALMEIDA, Afonso Lopes de. *Coisas do céu e da terra*. Lisboa: Portugália, 1944.
2. ANSELMO, Manuel. *Antologia moderna*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1937.
3. _____. *Caminhos e ansiedades da poesia portuguesa contemporânea*. Lisboa: Edições Cosmopólia, 1941.
4. BASTOS, Raquel. *Coisas do céu e da terra*. Lisboa: Portugália, 1944.
5. BRAGA, Teófilo. *História da poesia popular portuguesa*. Lisboa: Manuel Gomes, 1902.
6. CAMPOS, João. *Mar Vivo*. Porto: Presença, 1939.
7. CIDADE, Hernani. *Literatura portuguesa e a expansão ultramarina*. As ideias, os sentimentos, as formas de arte. Lisboa: Agência Geral da Colônia, 1943.
8. CORTESÃO, Jaime. *Cancioneiro popular*. Antologia precedida dum estudo crítico. Porto: Renascença Portuguesa, 1914.
9. FERRO, Antonio. *Amadora dos Fenômenos*. Porto: Imprensa Civilização, 1925.

10. _____. *Árvore de Natal*. Lisboa: Portugália, 1920.
11. _____. *A idade do jazz-band*. São Paulo: Monteiro Lobato & Co., 1923.
12. _____. *Leviana*. Novela em fragmentos. Lisboa: H. Antunes, 1921.
13. _____. *Teoria da Indiferença*. Lisboa: H. Antunes, 1921.
14. _____. *Viagem à volta das ditaduras*. Lisboa: Tip. da Empresa do Anuário Comercial, 1927.
15. FORJAZ DE SAMPAIO, Albino. *História da literatura portuguesa ilustrada*. [s/d]: [s/l.].
16. MONTEIRO, Adolfo Casais. *A poesia de Ribeiro Couto*. Porto: Edições Presença, 1935.
17. _____. *Manuel Bandeira. Estudo sobre sua poesia, seguido de antologia*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1934.
18. _____. *Poemas do tempo incerto, 1928 a 1932*. Coimbra: Edições Presença, 1934.
19. _____. *Sempre e sem fim*. Porto: Presença, 1936.
20. _____. *Sobre o romance contemporâneo*. Lisboa: Inquérito, 1940.
21. NAVARRO, António de. *Ave de silêncio*. Lisboa: Portugália, 1942.
22. NEGREIROS, Almada. *Pierrot e Arlequim*. Personagens de teatro. Lisboa: Portugália Editora, 1925.
23. OLIVEIRA, António Correia de. *Minha terra*. Lisboa: Aillaud, 1917 (9 vols.).
24. OLIVEIRA, Carlos Lobo. *Alegria do céu*. Poemas de santidade. Lisboa: Ed. Imperio, 1936.
25. OLIVEIRA, José Osório. *História breve da literatura portuguesa*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.
26. _____. *Brasileirismo de Machado de Assis*. Coimbra: Coimbra Editora, 1942.
27. _____. *Romance de Garrett*. Porto: T. Martins, 1935.
28. _____. *Oliveira Martins e Eça de Queirós*. Lisboa: Lusitânia, 1923.
29. _____. *Diário romântico*. Portugal: Editora Ática, 1932.
30. _____. *Exame da vida portuguesa*. Lisboa: Edições Ultramarinas, 1944.
31. _____. *Literatura Africana*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca. Agência Geral das Colônias, 1944.
32. _____. *Pequena Antologia da moderna poesia brasileira*. Lisboa: Seção Brasileira do S. P. N., 1944.
33. OSÓRIO, Ana. *Voz do silêncio*. [s. l.]; [s.d.].
34. PESSOA, Fernando. *Poesias de Fernando Pessoa*. Lisboa: Editora Ática, 1943.
35. _____. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Editora Ática, 1944.
36. PINTO, Álvaro. *Brasil Actual*. Lisboa: Seara Nova, 1935.
37. QUEIROZ, Carlos. *Homenagem a Fernando Pessoa*. Com excerptos das suas cartas de amor e um retrato por Almada. Coimbra: Ed. Presença, 1936.
38. RODRIGUES DE OLIVEIRA, José. *Cancioneiro do mar*. Lisboa: Bertrand, 1940.
39. SIMÕES DIAS, José. *História da Literatura Portuguesa*. Lisboa: A. M. Teixeira, 1905.

40. SOBRAL, Maria da Luz. *Contos e lendas da nossa terra*. Porto: Gráfica do Porto, 1924.
41. TEIXEIRA GOMES, Manuel. *Carnaval Literário*. Lisboa: Seara Nova, 1939.
42. VIEIRA, Afonso Lopes. *Paixão de Pedro, o cru*. Lisboa: Sal da Costa: 1943.

B) Periódicos:

1. A Águia.
2. Atlântico.
3. Atlântida.
4. Claridade. Revista de Artes e Letras.
5. Portucale. Revista de Cultura.
6. *Presença*. Revista de Arte e Crítica.
7. *Revista Contemporânea*.
8. *Seara Nova*. Revista de Doutrina e Crítica.

Referências:

- ANDRADE, Mário de. "O Movimento Modernista". In: *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002a.
- _____. "Feitos em França". In: *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002b.
- _____. "Uma suave rudeza". In: *O empalhador de passarinho*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002c.
- _____. *A Escrava que não é Isaura*. Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1925.
- CANDIDO, Antonio. "Literatura e cultura de 1900 a 1945". In: _____. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CARVALHO, Ricardo Souza de. "Um espelho do Brasil e de Portugal: Mário de Andrade e José Osório de Oliveira". In: *Scripta*. Revista do Programa de Pós-graduação em Letras e do Cespuc. Belo Horizonte: Editora PUC- Minas; v. 11, n. 20, p. 207-213, 2007.
- FERNANDES, Annie Gisele. "Do Portugal no Brasil ao Brasil em Portugal: reflexão acerca do convívio intelectual na (e para a) afirmação da modernidade." In: *Convergência Lusíada*, n. 29, janeiro-junho, 2013, p. 116-130.
- FROTA, Lélia (org.). *Carlos & Mário*. Correspondência completa de Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade. Rio de Janeiro: Bem-te-vi, 2002.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2000.
- LOPEZ, Telê Ancona. "A criação literária na biblioteca do escritor". In: *Ciência e Cultura*. Vol. 59, n. 1., São Paulo, janeiro-março, 2007.
- _____. "Mário de Andrade leitor e escritor: uma abordagem da sua biblioteca e da sua marginália". In: *Escritos V*. Ano 5. N. 5. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.
- MELLO, Gilda de. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- MORAES, Marcos A. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp, 2ª ed., 2001.
- NUNES, Benedito. "Mário de Andrade: as enfiaduras do modernismo". In: *Revista Iberoamericana*, v. 50, n. 126, p. 63-75, 1984.
- SANTILLI, Maria Aparecida. *Paralelas e tangentes: entre literaturas de língua portuguesa*. São Paulo: Artge & Ciência, 2003.

SARAIVA, Arnaldo. *Modernismo brasileiro e modernismo português*. Subsídios para a história das suas relações. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

SOUZA, Raquel Madanêlo. *Convergências e Divergências: revistas literárias em perspectiva*. São Paulo: FFLCH/USP. Tese de doutorado, 2008.